

Dia de Craque

Um conto de Israel Bruno

Era melhor que nada daquilo tivesse acontecido.

Ser medíocre depois de ter sido estupendo é uma merda. Uma puta de uma sacanagem! Até quando você consegue ir bem, você sabe, lá no fundo, você ainda é um merda. Talvez um merda diferente da de antes, mais mesmo assim, um merda.

Tudo começou mês passado, no último domingo do mês passado. Como era domingo era dia de pelada e como era o último do domingo do mês era dia do torneio da pelada. O único compromisso inadiável que tínhamos, sempre estávamos presentes, até mesmo os que não podiam jogar ficavam lá a beira do campo. Éramos 35 ao todo naquele domingo, quatro goleiros, quatro zagueiros, três camisa 10, dois matadores, o resto e eu. Já fomos bem mais, mais de cinquenta eu acho, mas casamentos, buracos no gramado, trabalhos ruins e intrigas afastaram alguns de nós do resto do grupo. Com a diminuição do número participantes, a porra do aumento das nossas idades e a gradativa falência das nossas capacidades atléticas fomos forçados a mudar o local das nossas peladas algumas vezes.

Não lembro quantas vezes mudamos de campo, mas lembro que começamos nossa trajetória como grupo a mais de vinte anos, éramos moleques e jogávamos em praticamente qualquer lugar, de ruas movimentadas e calçadas à campos de barro. Lá pelos vinte e poucos anos tínhamos disposição física e dinheiro suficiente para usufruir de campos dignos do nosso amor pelas peladas, jogávamos em campos gigantes com gramados impecáveis, cercados de arquibancadas para nossas namoradas. Hoje somos quarentões e jogamos em um campinho modesto, no qual só dá pra jogar com 7 na linha e 1 no gol, cercado por mato e o único lugar que dá pra sentar e assistir a pelada é na barraca do Sílvio que fica a uns vinte metros da lateral. Vale salientar, que o gol teve que diminuir à medida que o peso dos nossos goleiros aumentava e que os sete da linha não precisam mais correr, e mesmo que pudessem e quisessem eles não conseguiriam, não tem espaço para tal extravagância. É só pegar a bola, levantar a cabeça e passar, ou inventar alguma coisa... mas só os camisa 10 fazem isso.

Voltando a último domingo do mês passado! O Sol até que brilhava, mas a cara de chuva prevalecia. Era cedo, 6:30, horário perfeito. Todo mundo estava lá colocando o material quando começou o sorteio. Ritual de sempre, um pote com o nome dos quatro goleiros, outro com o nome dos quatro zagueiros e o pote dos demais. O sorteio é deste jeito desde que um dia, por alguma brincadeira do destino, tivemos um time composto pelo melhor goleiro, os quatro zagueiros da pelada e três figurantes... Eles foram campeões sem levar um gol, sem fazer quase nenhum e machucando quase todo mundo. Hoje, isso não pode acontecer. Eles ficam distribuídos e o são os jogadores de frente e todas aquelas baboseiras que os comentaristas ficam falando que definem o poder das equipes. Não tive sorte no sorteio. No meu time não tinha um dos três camisa 10, nenhum dos dois matadores, o goleiro era do tipo imprevisível -estilo Clemer, tá pegando tudo aí vai lá e toma um frango- mas o Zagueiro era bom, lento, com joelho ruim, mas era bom, inteligente, sabia onde todo mundo devia estar, reclamava muito, mas era bom, o melhor.

Quatro times, todos contra todos, partidas de 15 minutos, os dois primeiros fazem a final, a final tem 30 minutos, 2 tempos de 15, não há disputa de 3º lugar, 3º lugar não vale de nada, o campeão não paga a conta na barraca do Sílvio, o melhor goleiro recebe uma medalha, o artilheiro recebe uma chuteirinha dourada, o melhor jogador recebe uma estatueta de Pelé, o pior jogador receber uma medalha com a inscrição 'honra ao mérito'. Esse era o resumo do regulamento. A arbitragem ficava por conta de Ivan Erick, um galeão de metro e noventa que apita nossa pelada a mais de cinco anos. Grande Erick, ninguém discutia com Erick, nunca vi ninguém chamá-lo de filho da puta ou coisa do tipo em voz alta... mentalmente ele era esculhambado por todos nós todos, claro.

Quatro times, com 9 jogadores cada, 7 na linha, 1 no gol e 1 no banco. Eu sempre era o do banco. Sempre. Deve ter alguma coisa haver com o fato d'eu já ter recebido a medalha de 'honra ao mérito' 127 vezes. Sério. 127. Já a recebi até quando não joguei. Também é sério. Mas já fui campeão algumas vezes, em nenhum delas joguei muito, cinco minutos no máximo, mas o que vale é a vitória. Nunca ganhei um Pelé, nem uma chuteirinha. Posso afirmar que não sou um bom jogador, mas certamente sou um bom peladeiro, apaixonado pelo futebol ao ponto de não querer viajar nos fim de ano só pra não perder as peladas. Posso até perder a cerveja depois da pelada, mas a pelada eu não perco. Não sou fã da seleção, nem de nenhum clube. Só me importa a pelada. Mas, infelizmente, amor e talento não são sinônimos

Ivan Erick apita, no campo estão o time de colete verde e o time de colete preto. O verde é favorito. Melhor goleiro, melhor camisa 10 e ainda tem um matador. Favorito disparado. O time amarelo estava em Sílvio, aproveitando as cadeiras pra assistir o jogo numa posição mais cômoda. Meu time, o branco, estava na sombra de um pé de jaca, todos jogados no chão, desanimados. Sabíamos o que todos pensavam, o branco é o saco de pancadas, é três pontos garantidos pra todo mundo, temos que fazer saldo. Meu time também pensava algo do tipo. Eu estava certo que não iríamos para a final, mas não me importava com isso. A única coisa que me importava era quanto tempo iria jogar. Gol do verde. Não vi como foi, sei que foi de cabeça e foi do matador. Gols aos 2 minutos do time favorito. Isso nunca é um bom sinal, nem pra o time que levou o gol, nem para aqueles que esperam ver uma partida interessante. Quando isso acontece, a partida se torna uma contagem regressiva pro apito do juiz. Gol do verde. 2x0. Preto aceita calado, ninguém grita com ninguém, jogador pega a bola de cabeça baixa, leva pro meio do campo bem devagar, talvez seja o único jeito de atrasar o 3º gol. O preto deve ter ganho alguns segundos com isso, mas somente isso, logo logo veio o terceiro, o quarto, o quinto. 5x0. Dizem que o futebol é cheio de surprestar, mas eu nunca vi o grande favorito levar 5x0. Continuo sem ver. O favorito meteu cinco.

-De quanto agente vai apanhar? Me perguntou um peladeiro meia boca do meu time.

Não consegui responder, dei um sorriso amarelo e sai de perto. Não tinha como saber. Um, seis, dez, pra mim não fazia a menor diferença. Me ajeitei lá no cantinho no banco e fiquei esperando. Talvez eu jogasse naquela partida. Amarelo e branco em campo. Ivan Erick apita. Do lado de fora time verde brincava, ria, estavam felizes. Nada de errado com isso. Já o preto discutia, gritava e alguns deles me olhavam de um jeito estranho. Pareciam ter raiva de mim. Não conseguia entender porque me olhava daquele jeito, não fiz nada pra eles. Porque porra eles me olhavam daquele jeito? Gol do branco. FUDEU, o esperado ia acontecer. "Vamos levar uma lapada" pensei. Acho que todos pensaram algo parecido. Verde já tinha três pontos. Amarelo iria, em breve, ter três pontos. Preto e branco, nada. Seria o amarelo melhor que o preto? Não tinha como saber, o branco nem dava pra medir a força de ninguém. O branco era horrível. Gol do amarelo. Oito minutos, faltavam sete. Ninguém parecia estar cansado. Merda. Outro do amarelo, 3x0. Isso! Dez minutos, todos eles evitam olhar pro banco. Eles sabem que eu quero entrar. Comecei a torcer pra que algum deles tivesse algum tipo de lesão boba. Uns trinta segundos depois, eu estava torcendo pra que algum deles caísse duro no chão. Doze minutos, o Zagueiro recebe a bola do goleiro e abre na direita com Vavá, que avança com ela, continua avançando, dá uma tapa forte e joga a bola lá na frente, quase na linha de fundo, corre como Usain Bolt e bem na hora de cruzar, leva um carrinho magistral. Ivan Erick apita. Dois jogadores saem de campo. O que deu o carrinho, expulso, e Vavá mancando. Pobre Vavá, acho que ele saltou a quase um metro de altura antes de cair de cara no chão. Mas Vavá era caba macho, consegui esconder muito bem a dor com seu xingamentos e juramentos de vingança. Era minha vez de jogar. Treze minutos, eu tinha apenas dois minutos pra tocar na bola pelo menos uma vez. Entrei em campo, me posicionei no meio. O Zagueiro me deu um olhar cheio de raiva enquanto passava ao meu lado. A falta em cima de Vavá ia nos proporcionar um bom cruzamento. O Zagueiro ia tentar cabecear. Eu não sabia o que fazer. Ele grita comigo "vem pegar rebote". Raramente eu fazia um gol, mas quando fazia era de rebote. Fui pra área. Bola na área, goleiro sai mal, zagueiro do amarelo cabeceia para

fora da área, alguém chuta de volta pra dentro, ela bate nas costa de um jogador do amarelo e cai exatamente na frente do meu pé direito.

Não sei o que fiz. Não sei o que eu pensei. Acho que não pensei em nada. Senti algo estranho dentro de mim, algum tipo de choque, um calor muito intenso e muito veloz percorreu todo meu corpo num piscar de olhos. Estranho pra caralho. Não dá pra dizer que foi ruim, só dá pra dizer que foi estranho. O que aconteceu? Até hoje eu não sei, estive tão concentrado com essa coisa que eu estava sentindo que nem me lembro do que fiz com a bola. Me lembro do Zagueiro falando com um sorriso no rosto “eu disse” . Meu time não comemorou. Ainda estávamos perdendo de 3x1 e tínhamos perdido o jogador mais veloz do time. E só tínhamos um minuto. Impossível.

O amarelo se sentiu ofendido. Gol do pior jogador da pelada, que piada. Eles iriam ouvir bastante sobre esse gol mais tarde na barraca do Silvio. Silvio que também assistia a peleja, ria feliz da vida. Material novo para as suas piadas. “Perronha matador” me parecia um bom apelido. Ivan Erick apita. Amarelo vem pra cima com tudo, tentando provar que o gol foi pura sorte. Parecia a cavalaria de algum exercito medieval, uma tuia de macho correndo de frente a outra tuia de macho. Muito estranho. Não deu certo, o Zagueiro meteu o pé nela quando um baixinho firulento veio fazer graça na sua frente. A bola ganhou altura. Eu tentei acompanhar sua trajetória, era a direção do gol adversário. Eu de branco e três caras de amarelo olhando pra minha cara. Todos os três eram maiores que eu. Mas, a bola é branca. E ela veio caindo como um tijolo de fuge do topo de um edifício em construção rumo a cabeça de um operário desavisado. O zagueiro amarelo seria o operário, mas ele deve ter percebido que a bola mudou de forma e de cor durante a sua queda. E então, ele fez o que um zagueiro nunca deve fazer: deixar a bola quicar.

A bola é branca. A rede é branca. O gramado é verde, mas tem umas listras brancas. Então, zagueiros e goleiros nunca confiem no gramado. Tanto faz ele jogar ao seu favor ou contra. Ele me ajudou naquele instante. A bola/tijolo quicou e tomou uma direção mirabolante. Ela veio exatamente na minha ‘caixa dos peito’ . Eu não tive tempo de reagir, simplesmente fechei os olhos e senti o impacto. Quando eu tornei a abri-los tive uma surpresa desagradável, a bola ia novamente à direção do zagueiro amarelo. Levei algum tempo pra perceber que na verdade a bola iria passar por cima da cabeça do zagueiro. Meu primeiro banho em dois anos. Quase desisto da jogada para apreciar o momento. Ainda bem que não desisti. Continuei correndo e me deparei com uma nova barreira, um goleiro de metro e oitenta com cem quilos corria em minha direção como um boi desembestado. Acho que um homem sob a mira de uma arma se sente daquele jeito. Pensei em me jogar pro lado. Lembrei da bola. Ele estava chegando perto. A bola continuava no ar. Eu estava chegando nela. Ele estava chegando nela. Ele iria me matar para pegar aquela bola. É assim que os goleiros pensam, a bola é deles, foda-se o resto. Eu, goleiro e bola. Não resisti, me joguei, mas não fugi. Pulei em direção a bola e dei um toquezinho de ponta de chuteira. Fechei os olhos, esperei a porrada. Ela não veio, mas pude senti o ar deslocado por aquele animal. A bola vagorosamente caminhava em direção a trave. Dentro ou fora? O zagueiro da direita não esperou. Ele correu com todas as forças que tinha e deu um carrinho que deve ter lhe custado a pele da coxa esquerda. Perdeu a pele em vão, ele tocou na bola dez centímetros atrasado. Gol do Branco! Ivan Erick apita. Todos os peladeiros do branco gritam de felicidade. Todos que estão fora do campo, abrem um sorriso, eles torcem pelo branco agora. Fui abraçado por todos. Descobri naquele momento como se sentem os matadores. Percebi Ivan Erick sorrindo antes de meter o apito na boca outra vez.

Só nos restava os acréscimos. E dessa vez a cavalaria medieval vestia branco. Todos os sete corriam pra o ataque assim que Ivan Erick apitou. Funcionou, roubamos a bola e fomos com tudo....

Dessa vez eu só acompanhei a jogada. Foi linda. Realmente linda. Todos os jogadores do meu time correndo, com os olhos brilhando, olhos fixos na bola. Eu fiquei esperando, sabia que de alguma forma era viria pra mim, sabia que naquela partida tudo dependia de mim. Bola na ponta, bem perto da linha de fundo, jogador do

branco prepara o cruzamento. Ele desiste e vai pro drible. Jogador amarelo estava branco de medo. Ainda tento imaginar o que se passava em sua mente naquele momento. Tento imaginar o que ele acha de tudo aquilo ainda hoje. Mas não preciso imaginar nada pra saber que ele estava morrendo de medo, pude ver como ele andava pra trás à passos largos. O medo o fez cometer um erro terrível, dar passos demais. Ele praticamente convidou o inimigo pra entrar em sua casa. O branco entrou. Mas, assim que o amarelo percebeu quem ele tinha deixado entrar em seu território, ele saiu do medo direto pro desespero. E então fez o que um homem desesperado faz: merda. Se um cara em desespero não fizer merda, saiba que ele errou, pois certamente ele tentou. E ele fez uma grande merda na forma de um chute no meio das canelas do jogador do branco. Ivan Erick apita. Ivan Erick vê tudo. Todos gritam. Quase todos. Ninguém do amarelo grita. De alguma forma muito difícil de explicar eles já haviam aceitado o que estava acontecendo, ou pelo menos o que parecia estar acontecendo, um milagre. Acho que os mais religiosos pensaram que aquilo era obra dos deuses, sei lá, uma lição de humildade. O time amarelo me olhava com admiração, quase pude ouvir-los falar com os olhos, acho que eles diziam “desculpas por ter te tratado mal só porque você não é um bom jogador. Aprendemos nossa lição, sabemos que uma pessoa não pode ser julgado por algo tão bobo como uma pelada. Desculpas”. Fiquei emocionado. Meu time não parava de gritar. As pessoas fora do campo não paravam de gritar. Senti uma mão no meu ombro, quando me virei pude ver o cara que sofreu o pênalti estendendo a bola na minha direção. Fiquei surpreso. Depois de alguns instantes entendi que nada mais no mundo era mais que aquilo. Pra mim, destino é quando nada mais no mundo faz sentido se não aquilo e não aquela baboseira que as pessoas acreditam por ai, o que essas pessoas chamam de destino pra mim é sorte, coincidência. Eu bater aquele pênalti era destino. Destino. Bola na marca. Goleiro na linha. Juiz com apito na boca. Ultimo lance da partida. Todos os olhos em mim. Silencio absoluto. Goleiro bate palmas. Doze milhões de pensamentos chiando em minha mente. Tentei me acalmar. Respiração. Inspira, expira. Inspira, expira. Tentei pensar em coisas boas. Falhei vergonhosamente ao tentar fazer isso. Inspira, expira. Começou a funcionar. Sete milhões de pensamentos, um milhão, dez mil, mil, duzentos e quarenta e sete, quinze e, finalmente, só um pensamento estava em minha cabeça:

-Esse porra vai apitar hoje ou não?

Sim, ele iria. Ele tremia, mas mesmo assim levou o apito à boca. Encheu o pulmão de ar e soltou com tudo. Dessa vez, não sei que passou em minha cabeça, era algo disforme, sem sentido algum. Intenso, sem duvida alguma, mas sem sentido também. Pude sentir que minhas pernas tremiam e até pude ouvir meu coração bater, mas não pude sentir aquilo que senti no primeiro gol, nenhuma coisa milagrosa tomou conta do meu corpo e fez o gol por mim. Era eu, a bola e o goleiro. Fechei os olhos, soltei o ar e comecei a corrida pra chutar. Decidi durante a corrida que ia chutar forte. Tinha que ser forte, não sei chutar colocado. Também não sei chutar forte. Mas forte havia sido escolhido. Corri. Chutei. Bola no canto. Goleiro parado. Bola à meia altura. Goleiro olhando. Bola bem no canto, no canto demais. Bola na trave. Na trave depois na mão do goleiro. Diretamente nas mãos do goleiro. Ele nem saiu do canto.

Silencio ensurdecedor. Ninguém se mexeu. Um segundo. Ninguém falou nada, ninguém se mexeu. Dois segundos. Olhos lacrimejantes, silêncio brutal. Três segundos. Ainda, nenhum som e nenhum movimento. Ivan Erick, o salvador, parou com aquela tortura. Apitou. Ninguém reclamou. Ninguém conseguia olhar pra mim. Eles não tinham raiva de mim. Eles estavam tristes. Muito tristes. Incompletos, alguém acabara de roubar deles algo que eles nem sabiam que existia. Acho que esse alguém era eu. Até o amarelo estava triste. No fundo, até eles queriam que aquilo tivesse acontecido. Não aconteceu. Eu tirei de todos eles aquilo que eu nem sabia que era capaz de dar. Puta que pariu, como é ruim ser o merda de sempre.

-fim-